



O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

O RESTAURADOR TEVE EXPLOSÕES IRREVERENTES CONTRA A ORIENTAÇÃO IMPOSTA AO SEU TRABALHO

(Continuação de 1.ª pag.) pelo pouco resguardado do que é a famosa taboas. A lenda da descoberta e do salvamento dos Painéis em serventia de pedreiros firmo-se mais tarde. Em 1910, ao reproduzilos no seu «O Pintor Nuno Gonçalves», ainda José de Figueiredo acrescenta à lenda a designação do lugar donde se tinham retirado os Painéis: Museu do Patriarcado.

OS PAINÉIS DEVIAM TER SIDO APENAS LIMPOS E NÃO REINTEGRADOS. SEGUNDO UMA ERRÓNEA INTERPRETAÇÃO

Em 6 de Março de 1909, o visconde de Atouguia, Inspector da Academia de Belas-Artes, officio ao Cardeal Patriarca, pedindo-lhe o consentimento na benedictio dos Painéis, que seria feita sob a direcção e responsabilidade da Academia. Autorizado pelo Ministro do Fazer, e mediante recibo, o Patriarca entrega as pinturas para benedictio — ainda se não inventara a mítica palavra reintegração.

OS modus faciendi e largamente discutido nas sessões da Academia de Belas-Artes, que se preocupava também com o estado de ruína de algumas das pinturas guardadas no extinto convento das Albertas, anexo ao Museu.

Das actas da Academia consta que Ramalho Ortigão propôs a Comissão Executiva que se estudassem os meios de melhorar o estado e a situação das obras de arte mais conservadas, e propôs mais que se fotografassem os pinturas dos séculos XV e XVI sujeitos a restauração.

É nessa sessão que Luciano Freire expôs as suas ideias sobre restauração. No sessão de 12-VI-1909, o dr. José de Figueiredo propõe que sejam fotografadas as obras a tratar: 1.º, no estado em que forem encontradas; 2.º, depois de completamente limpas; 3.º, depois de terminada a benedictio e restauração.

É provável que, aprovada esta proposta, a Academia tenha mandado fotografar os Painéis depois de completamente limpos e antes dos repintes que sofreu. Mas tais fotografias, se existem, não apareceram nunca à luz pública.

Nesses anos de 1909-1910, preparava o prof. Ricardo Jorge o seu estudo sobre o Grego, e por esse

razão a frequentemente ao casarão de S. Francisco da Cidade consultar a Biblioteca da Academia de Belas-Artes. Mais que uma vez, vai então os Painéis em tratamento. Recordo o que a tal respeito me disse, e apontei na minha agenda: — «Foi uma pena não deixarem os Painéis como estavam depois de limpos — e não os reintegrados».

Foi essa radiografia logo mostrada ao director do Museu, o dr. José de Figueiredo, que a considerou largamente e o gabou: — Vocês são o diabo! — E foi-se para o seu gabinete.

Instalou-se há uns 30 anos no Museu de Arte Antiga uma pena.

Creio que o Museu de Arte Antiga possui uma ficha em que se contém tabelas extractas de um volumoso relatório sobre o restauro dos Painéis elaborado por Luciano Freire.

O dr. Eugénio Mac-Brida, que o tratou como médico e amigo, viu esse relatório nos mãos do pintor.

Sei, por outro lado, que o restaurador teve explosões irreverentes contra a orientação (?) de José de Figueiredo — e não sou só eu a sabê-lo.

Se esse relatório apparece e fosse integramente publicado, muita luz seria projectada sobre este misterioso caso. Ele exporia...

No sessão de 12-VI-1909, o dr. José de Figueiredo propõe que sejam fotografadas as obras a tratar: 1.º, no estado em que forem encontradas; 2.º, depois de completamente limpas; 3.º, depois de terminada a benedictio e restauração.

É provável que, aprovada esta proposta, a Academia tenha mandado fotografar os Painéis depois de completamente limpos e antes dos repintes que sofreu. Mas tais fotografias, se existem, não apareceram nunca à luz pública.

Nesses anos de 1909-1910, preparava o prof. Ricardo Jorge o seu estudo sobre o Grego, e por esse

OPINIONÁTICA REGISTO bibliográfico

O FESTIM DE BALAZAR, por Fernando Fernandes — O de 1910, por Fernando Fernandes. Balazar, o festim de Balazar, o festim de Balazar, o festim de Balazar...

«GABRIEL, CRAVO E CANOAS, por Jorge Amado — Com o tempo e a fama livro que é tal...

«O LICENCIADO VIDRIERA» Por ALBERTO XAVIER

Licenciado Vidriera é uma das obras de Alberto Xavier...

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

EXPOSIÇÃO PINTURA PAISAGÍSTICA DE MÁRIO DE OLIVEIRA

Exposição de Pintura Paisagística de Mário de Oliveira

EXPOSIÇÃO PINTURA PAISAGÍSTICA DE MÁRIO DE OLIVEIRA

OPINIONÁTICA REGISTO bibliográfico

O FESTIM DE BALAZAR, por Fernando Fernandes — O de 1910, por Fernando Fernandes. Balazar, o festim de Balazar, o festim de Balazar, o festim de Balazar...

«GABRIEL, CRAVO E CANOAS, por Jorge Amado — Com o tempo e a fama livro que é tal...

«O LICENCIADO VIDRIERA» Por ALBERTO XAVIER

Licenciado Vidriera é uma das obras de Alberto Xavier...

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

EXPOSIÇÃO PINTURA PAISAGÍSTICA DE MÁRIO DE OLIVEIRA

Exposição de Pintura Paisagística de Mário de Oliveira

EXPOSIÇÃO PINTURA PAISAGÍSTICA DE MÁRIO DE OLIVEIRA

OPINIONÁTICA REGISTO bibliográfico

O FESTIM DE BALAZAR, por Fernando Fernandes — O de 1910, por Fernando Fernandes. Balazar, o festim de Balazar, o festim de Balazar, o festim de Balazar...

«GABRIEL, CRAVO E CANOAS, por Jorge Amado — Com o tempo e a fama livro que é tal...

«O LICENCIADO VIDRIERA» Por ALBERTO XAVIER

Licenciado Vidriera é uma das obras de Alberto Xavier...

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

ANTOLOGIA de Revelações TUDO E MAIS ALGUMA COISA

EXPOSIÇÃO PINTURA PAISAGÍSTICA DE MÁRIO DE OLIVEIRA

Exposição de Pintura Paisagística de Mário de Oliveira

EXPOSIÇÃO PINTURA PAISAGÍSTICA DE MÁRIO DE OLIVEIRA



A casa de Brásil, onde viveu Jorge Amado — a escola secundária de Portugal, no dize do Conde de Ficalho.



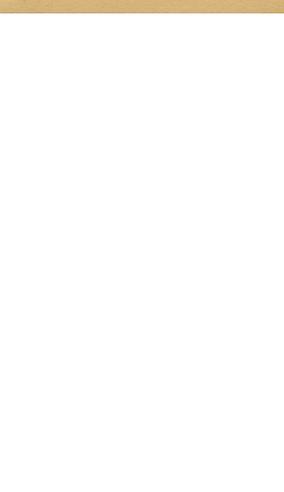
A casa de Brásil, onde viveu Jorge Amado — a escola secundária de Portugal, no dize do Conde de Ficalho.



Retrato de Fernando Fernandes — publicado que deve ter servido ao pintor de Brásil.



Retrato de Alberto Xavier — publicado que deve ter servido ao pintor de Brásil.



A casa de Brásil, onde viveu Jorge Amado — a escola secundária de Portugal, no dize do Conde de Ficalho.

# É HOJE POSSÍVEL DESTRINÇAR O AUTÊNTICO BOM TRIGO DO ESPÚRIO JOIO DOS REPINTES

por JOSÉ DE BRAGANÇA

**A**NTES de prosseguir, parece-me conveniente esclarecer os primórdios deste malfadado caso.

Ao contrário do que muita gente acredita, os Painéis

não foram encontrados em S. Vicente de Fora em 1882, por Columbano e sua irmã, nem andavam a servir de pranchas de andaime aos operários.

Só no ano seguinte, 1883,

é que monsenhor Elviro dos Santos, secretário do novo Patriarca Mendes Belo, os foi desencantar numa arrecadação escura do Paço Patriarcal, que era então ali. E logo reconheceu neles uma obra notável, que mandou limpar do pó e expôs o melhor que pôde, na Galeria a par do Tribunal Eclesiástico. Isto o declarou em duas cartas publicadas na imprensa; e mo repetiu de viva-voz, mais tarde, algo indignado.

Columbano, aliás, me dis-

**DESFAZEM-SE LENDAS E RESTA-  
BELECE-SE A VERDADE SOBRE A  
HISTÓRIA DOS PAINÉIS. FOI  
MONS. ELVIRO DOS SANTOS QUEM  
OS ENCONTROU EM 1883,  
NUMA ARRECAÇÃO ESCURA  
DO PAÇO PATRIARCAL**

se a mim que passara todo o ano de 1882 em Paris, — ano em que expôs no «Salon» o seu Concerto de Amadores — e que fora ver os Painéis, já revelados por

monsenhor Elviro, quando na Galeria de S. Vicente de Fora andavam operários arranjando o local — o que o deixou mal impressionado,

(Continua nas págs. contrás)



Pormento da primeira radiografia feita no Museu de Arte Antiga aos painéis (invertida).

## QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 175

### OS LIVROS VELHOS

**N**os dias de hoje, a crítica literária e a crítica cultural estabelecem-se em uma relação histórica no fundo mesmo das sondagens, ressurge mais uma vez como um problema — no problema crítico — o problema da correlação. A percepção culturalógica facilmente justificada na sistematização estilística das culturas, já demonstrou que é

para a crítica literária e a crítica cultural estabelecerem-se em uma relação histórica no fundo mesmo das sondagens, ressurge mais uma vez como um problema — no problema crítico — o problema da correlação. A percepção culturalógica facilmente justificada na sistematização estilística das culturas, já demonstrou que é

para a crítica literária e a crítica cultural estabelecerem-se em uma relação histórica no fundo mesmo das sondagens, ressurge mais uma vez como um problema — no problema crítico — o problema da correlação. A percepção culturalógica facilmente justificada na sistematização estilística das culturas, já demonstrou que é

## A VIDA E A OBRA DE MUSSORGSKY

Por JOSÉ CARLOS PICOTO

**N**A sua casa os anos passavam com uma regularidade quase monótona; novos amigos vinham juntar-se a Dargomyjsky tão automaticamente como os estudantes se matriculam nas universidades. Cui frequentava ainda há pouco tempo essas tardes musicais quando, em 1887, ali travou conhecimento com um oficial do Exército ainda mais jovem do que ele.

«Este jovem fazia parte do regimento de elite do Exército russo, os Préobrajensky. Falava como se lhe custasse abrir a boca e, a cada momento, punha-se a falar francês, embora pudesse muito bem dizer em russo tudo o que tinha para contar. Este frágil oficial de artilharia, de 17 anos, chamava-se Modesto Mussorgsky. Quando se apresentava, acenava nitidamente à primeira sílaba do seu nome e encolia o g. Pela dignidade do seu porte, pela maneira como deslizava através do salão de Dargomyjsky, com um ar des preocupado, os pés virados para fora, todos podiam supor que o novo visitante era um homem do Mundo. Os sorrisos das mulheres convergiam sobre ele.

O que ninguém poderia certamente

te supor, por mais bem dotado que fosse para adivinhar o futuro, era que naquele perfeito adiantado estaria dat a alguns anos o autor do «Boris Godunoff», uma obra que era uma revolução na arte musical.

Nem mesmo qualquer pessoa poderia admitir, uns tempos depois, que a sua obra de compositor, um pouco fragmentada e incompleta, estaria destinada a uma grande acção nas épocas futuras, a uma influência bem nitida ainda mesmo em meados do século XX.

A opinião dos contemporâneos, vindo em Mussorgsky apenas um admirador de talento, era pois bem diferente da que temos hoje. Como se justifica este caso tão estranho? Em parte pela própria natureza da sua música, muito avançada para a época em que foi escrita, rompendo com todas as regras então em uso e por isso dificilmente encontrando íntima compreensão. E em parte também pela maneira como decorreu a vida de Mussorgsky cujas circunstâncias não foram propícias a uma actividade verdadeiramente profissional no campo da música. Para compreender bem a personalidade de Mussorgsky é necessário conhecer um pouco a sua vida.

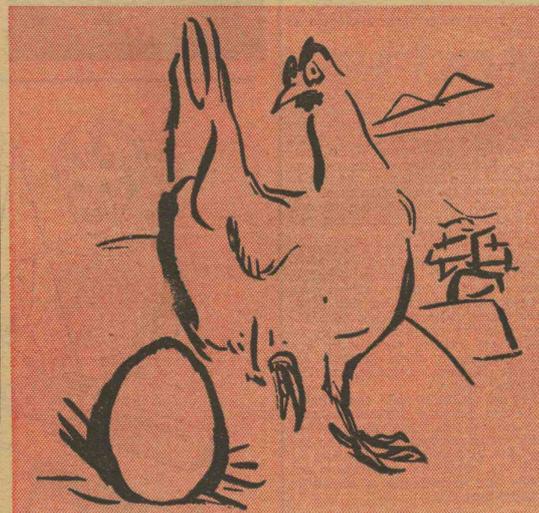
Mussorgsky nasceu a 16 de Março de 1839, nas ricas propriedades de seus pais, no distrito de Tropez, pertencente ao Governo de Pskov. O talento musical revelou-se muito cedo, mas esse facto, por mais exigente que fosse, não implicava um desvio no caminho previamente traçado pelas tradições da família, que era a carreira das armas.

Assim, apesar dos progressos rápidos feitos no piano, que sua mãe lhe ensinava, Mussorgsky entrou para a Academia dos Cadetes da

Guarda, depois de uns anos de preparação numa escola secundária. E em 1856 recebia o seu diploma e integrava-se no célebre regimento de Préobrajensky.

A estada na escola não impediu

(Continua na 11.ª pág.)



Desenho de Bonnard para o livro de Henry de Montherlant «Redemption por les bêtes»

## RUÍNAS DUMA IGREJA DO SÉCULO XIII

As ruínas de uma igreja que se cret datar do século XIII foram descobertas por um grupo de crianças no parque de Castle Green, na cidade de Hereford, Inglaterra.

As crianças, que se entretinham a abrir uma cova, deixaram a descoberto parte de uma parede do antigo templo.

do material literário o depoimento que obriga e oferece em plena vivência. Em suas possibilidades de captação, apreendendo a matéria que decorre de acontecimentos históricos em trânsito oral, há muito de epopéia nos livros velhos. E por isso é que interessa também, e excessivamente, ao folclorista.

Mus, se por um lado podem explicar linhas decisivas nas origens — como já ocorreu na crítica histórica, em relação aos portugueses e espanhóis —, facilitando o reconhecimento das fundações, é certo que pelo outro se tornam subsídios para o cientista social que inquiere o complexo cultural na complexidade mesma do seu conjunto. E neste detalhe fazendo-se testemunho que surge em toda e sua significação o documentário que está nos livros velhos. Tiveremos esses «contoneiros» e «aromacos velhos» — no mundo brasileiro, sobretudo pelo ciclo oral dos autos e dos contos populares — e não seria difícil concluir que sobre eles já se teriam debruçado os cientistas sociais. A grande controvérsia estabelecida sobre os origens da literatura brasileira, e decorrente provavelmente do desprezo sempre concedido ao ciclo oral capaz de revelar as matrizes da novelística (os contos populares) e do teatro (os autos populares), resulta em grande parte de sua ausência.

Nesta oportunidade, entretanto, desejamos fixar tão somente o detalhe que, provocado pela correlação culturalógica, interferiu poderosamente no crítico literário: entre os componentes artísticos de uma obra literária, marginal que seja, há-de sobressair o depoimento ou o documentário. Provam-no os cientistas sociais — sociólogos, psicólogos, linguistas, folcloristas — que foram forçados a debruçar-se sobre os livros velhos. Os próprios historiadores da literatura, que os atingiram conduzidos pelas pesquisas, surpreenderam-se com seu poder inenso de

(Continua na pág. seguinte)

## O PRÉMIO DO FLORIM

O «Prémio do Florim», de pintura, no valor de um milhão de liras em moedas de ouro, foi atribuído ao pintor Francesco Tabusso, de Turim. Os prémios de escultura conferiram a Augusto Pazzi, de Nápoles, ao gravador de medalhas Claudio Ambrosotti, de La Spezia, e aos escultores suíços Charles Banninger e Hermann Hubocher, ambos de Zurique.